

PARTO NORMAL A CESARIANA: A MEDICALIZAÇÃO DO PARTO

Rosana Maria Reis dos Santos¹

Fabiana Regina da Silva Grossi²

O fenômeno do parto existe desde o surgimento da humanidade e representa a finalização do processo pelo qual se garante a perpetuação da espécie. Na pré-história, o parto, que era visto como um evento solitário passou para as mãos das comadres ou “aparadeiras” na Antiguidade e na Idade Média para parteiras, que eram mulheres que possuíam uma certa experiência no assunto, até chegar às mãos dos médicos na Idade Moderna, nos últimos anos houve evoluções, como também, retrocessos nas formas de parto. (MIRANDA et al., 2008). O presente trabalho tem como objetivo analisar as construções históricas até a medicalização do parto. Como método, utilizou-se a referência base o livro de Maldonado (2002, 2017) e artigos científicos complementares. Em meados do século XVII, iniciou-se a medicalização do parto, acompanhada da demanda da dor decorrente das contrações, assim como, levar em consideração uma preocupação constante de mulheres e homens acerca do órgão genital feminino após o parto natural, realizando práticas como a de episiotomia, um corte de cerca de quatro centímetros no períneo, utilizando instrumentos cirúrgicos e medicamentosos, como bisturis e anestesia, facilitando a saída do bebê e protege os tecidos contra lacerações e uma possível frouxidão do assoalho pélvico (MALDONADO, 2017), essa pratica atualmente não é recomendada para todos os casos de parto normal por haver estudos científicos de que mesmo com a episiotomia pode haver lacerações, tendo assim a efetividade seletiva, sendo substituída por outras práticas (MATTAR et al, 2007). Foi um importante marco para que os partos, não apenas os mais difíceis, fossem realizados em um ambiente institucional, assim, nos meados do século XVI, início do século XVII, aos poucos, as parteiras foram perdendo lugar com o surgimento da figura do cirurgião na assistência ao parto, juntamente com a posição horizontal, com o objetivo de facilitar o médico na extração da criança, com a disseminação dessa pratica, algumas parteiras aderiram a posição (MALDONADO, 2002). Pode-se perceber que o parto, aos poucos, foi retirado do lar e passou a ser realizado no hospital. O parto hospitalizado destitui a mulher de seus direitos, de privacidade, do poder de decisão sobre como e onde será o parto e quem a acompanha durante esse processo, levando em conta, apenas as necessidades médicas (VENDRÚSCOLO, KRUEL, 2015) retirando a autonomia e protagonismo das mulheres na hora de parir, substituído por saberes médicos interessados em realizar o procedimento em um curto período de tempo, sem respeitar os desejos e planejamentos da mulher. Assim, o parto no ambiente hospitalar, em muitos casos, faz crescer o fator estressante na mulher, por ser um local desconhecido, no qual é cuidada por pessoas que também são desconhecidas, perdendo a ligação com o espaço familiar em um momento que é tão exclusivo e especial na sua vida (RAMALHO, 2009). Nessa análise, pode-se observar que o parto passou de um evento que ocorria em casa para o hospital, as parteiras foram substituídas por médicos, teve a inserção de instrumentos e da medicalização, como também, passou de uma ocorrência natural a um evento regrado.

¹Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário São Francisco de Barreiras- UNIFASB. E-mail: mariaroh.reis@gmail.com.

²Doutora em Psicologia e docente do curso de Psicologia do UNIFASB e UNIFAAHF.

Palavras-chave: Parto normal - cesariana - medicalização do parto.

REFERÊNCIAS

MALDONADO, M. T. **Psicologia da gravidez:** gestando pessoas para uma sociedade melhor. São Paulo: Ideias & letras, 2017.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da Gravidez:** parto e puerpério. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MATTAR, Rosiane; AQUINO, Márcia Maria Auxiliadora de; MESQUITA, Maria Rita de Souza. A prática da episiotomia no Brasil. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro , v. 29, n. 1, p. 1-2, Jan. 2007.

MIRANDA, Denismar Borges de et al. Parto normal e cesária: representações de mulheres que vivenciaram as duas experiências. **Rev. eletrônica enferm**, p. 337-346, 2008.

RAMALHO, Alice Anabela. **A experiência de sentir-se respeitada durante o trabalho de parto no Hospital.** Tese (Doutorado em Enfermagem) - Programa de Doutorado em Enfermagem, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

VENDRÚSCOLO, C. T; KRUEL, C. S. A história do parto: do domicílio ao hospital; das parteiras ao médico; de sujeito a objeto. **Disciplinarum Scientia.** Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 95-107, 2015.

¹Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário São Francisco de Barreiras- UNIFASB. E-mail: mariaroh.reis@gmail.com.

²Doutora em Psicologia e docente do curso de Psicologia do UNIFASB e UNIFAAHF.